Martírio de São Simão Inocente, Mártir de Trento

Libro & Moschetto Fascista Perfetto

Cap. I: Como os judeus fizeram um conselho para roubar um menininho cristão, a fim de lhe tirar o sangue com atroz morte; e como escolheram a casa de Samuel para praticar tal ímpia crueldade.

Cruel, e mais que cruel, pode-se chamar o terrível acontecimento que eu agora vou narrar; pois, ao descrevê-lo, a mente me treme, indo discorrendo sobre tão cruel ato. E a mão, já movida para dá-lo a conhecer à posteridade, quase se torna imóvel; assim de vê-lo parece-me que cada um fica cheio de horror, ao ler esta trágica história. Pois nela se verá a humanidade extinta, a piedade morta, a razão banida, todas as leis da natureza rompidas...

Ó paixão quase impossível de ouvir! Lê, leitor, e espanta-te, e aprende às custas de outrem a conhecer quão grande é a impiedade do judaísmo.

Na magnífica cidade de Trento, no ano de 1475, sendo bispo Giovanni Hinderbachio, havia ali três chefes de família judeus, dois dos quais riquíssimos; o primeiro chamava-se Samuel, o segundo Ângelo, e o terceiro (que era o mais pobre) chamava-se Tobias, médico.

Com Samuel vivia familiarmente um certo velho, de aspecto muito miserável (judeu também ele), de cabelos longos e desgrenhados, barba comprida e misturada de pelos brancos, traje desleixado e sem nenhuma polidez. Seu nome era Moisés, e a ele os outros judeus tanto atribuíam que tinham a audácia de proclamá-lo publicamente como seu profeta. Diziam que estava cheio de espírito divino e sabia predizer os tempos e as horas em que deveria vir (como falsamente creem) o seu Messias.

No dito ano de Cristo 1475, na terça-feira da Semana Santa, que foi a 21 de março, esses judeus ímpios — que não se envergonhavam de injuriar — reuniram-se na casa de Samuel, onde tinham o seu templo e a sinagoga, e ali se encontraram para discorrer sobre o sacrifício que tinham de realizar na quinta-feira seguinte, dia em que os judeus celebravam a sua Páscoa, segundo o seu antigo costume. E tendo eles bastante discorrido sobre os sacrifícios, e raciocinado acerca de muitas outras coisas a eles concernentes, finalmente o velho Moisés disse:

“Chegado é o tempo em que devemos, com célebre e pomposo aparato, fazer o mais aceito e agradável, o mais perfeito e misterioso sacrifício que nos é possível oferecer ao nosso Messias; pois, pouco tempo há de descer entre nós. E eu asseguro que a vítima mais agradável que podemos imolar é um menininho cristão, segundo as Constituições de nossos antigos pais. Se, à semelhança de Cristo, o pusermos na cruz, ou de outro modo atroz o fizermos morrer entre tormentos e penas, será em desprezo de Cristo.”

Os outros judeus, sobretudo Samuel e Tobias, compreendendo o intento do seu falso profeta, acenderam-se do mesmo desejo, e deliberaram empregar todo esforço e arriscar-se de todo modo para conseguir um menininho cristão até a quinta-feira seguinte (dia da sua Páscoa), a fim de que pudessem, com aquele sangue inocente, saciar a sua crueldade.

E tomaram este conselho porque é costume dos malfeitores, quando roubam algum menino cristão, levá-lo para as suas sinagogas, e em desprezo de nossa religião cristã fazê-lo morrer de maneira atroz.

No dia seguinte, que foi a Quarta-feira Santa, retornando todos à sinagoga, aconselharam-se e discutiram mais diligentemente qual lugar seria mais conveniente para sacrificar o menino, caso lhes fosse possível capturá-lo insidiosamente e com engano.

Tobias e Ângelo disputavam que era necessário fazê-lo em lugar amplo e afastado da frequência das pessoas, afirmando que suas casas eram pequenas e estreitas, nas quais mal poderiam realizar tão grande feito. Concluíram, portanto, que a casa de Samuel era a mais cômoda para tal negócio: em parte porque ele era o mais rico, e sua casa tinha mais comodidade que as deles, além de ser mais larga, mais espaçosa, e sobretudo porque nela havia o templo dos judeus, onde deviam fazer o sacrifício.

Agradou a todos esta opinião acerca da escolha da casa de Samuel. Depois discorreram sobre de que maneira, com que arte e astúcia, poderiam capturar um menino cristão e conduzi-lo até eles.

E tendo entre si longamente proposto e resolvido, foi dada comissão a Tobias, que com duas cartas da parte de Lázaro, nas quais se hospedava em casa do dito Tobias, e de Davi, que morava na casa de Samuel, ambos Hebreus oriundos da Alemanha, se esforçasse em persuadi-los a assumir o encargo de encontrar o Menininho Cristão e conduzi-lo à casa de Samuel, por causa da aquele sangue inocente, para depois usá-lo em seus sacrifícios. Andou Tobias, e tendo encontrado Lázaro e Davi, disse a eles em nome dos Pais Judeus: “Se algum de vós tiver ânimo bastante para usar de tanta diligência, que possais com alguma arte enganar um menininho cristão, e conduzi-lo hoje mesmo à casa de Samuel, imediatamente vos serão dados cem ducados de ouro”. Ao que respondeu Lázaro e Davi: “Nós não queremos nos pôr a este negócio, porque temos outros negócios mais importantes; e mesmo que ainda não estivéssemos impedidos, não queremos todavia arriscar-nos em tão grande perigo, porque a coisa que nos pedis é muito árdua e difícil; e quem assumir este encargo sem dúvida se exporá a um grandíssimo perigo”. Tobias depois retornou a Samuel no mesmo dia, e contou-lhe a resposta de Lázaro e de Davi. E retornando Samuel, Ângelo, Moisés e Tobias, e outros, por volta da hora vigésima, à sinagoga, discutiram algum tempo

sobre a resolução de Lázaro e de Davi; e temendo serem descobertos, nada mais concluíram naquele dia.

Cap. II: Como os criminosos judeus, tendo feito o pacto, que Lázaro e Davi haviam se separado, cometeram um grande erro e ameaçaram Tobias, dizendo que ele deveria fazer o trabalho de roubar uma criança cristã.

No dia seguinte, que foi a Quinta-feira Santa, de novo reunidos os iníquos Hebreus na Sinagoga, e indignados de que Lázaro e Davi tivessem recusado as coisas que lhes foram encomendadas, à maneira de feras de olhos tortos, enfurecidos e cheios de furor, atiram-se contra Tobias, descarregando sobre ele sua amarga intenção, e querendo que ele satisfizesse ao que Lázaro e Davi tinham se mostrado contrários e temerosos; e com suas venenosas setas de persuasão neste modo disse Samuel a Tobias, em nome de todos os outros Hebreus: Consideramos que nenhum de vós e desejos nossos se pode melhor contentar; por isso, sendo tu Médico dos Cristãos e servindo muito a eles, e seu amigo antigo, e quase com todos os cidadãos tens familiaríssima conversação, se tu fores pela Cidade (ainda que nestes dias é costume dos Hebreus não sair de casa, enquanto durar a Páscoa dos Cristãos, para que, lembrando-se da Paixão de Cristo seu Deus, não caíssemos em poder deles e, sendo maltratados,) não haverá pessoa alguma que ponha atenção em ti, e se por acaso alguém te vir; não terá, porém, suspeita, já que tu vais à caça. Tu, portanto, facilmente podes levar a efeito (e queremos de todo modo que o faças) aquilo que te ordenamos; o que com grande ânimo, como é teu dever, e felizmente, como esperamos, cumprirás; nós daremos auxílio, de modo que jamais terás necessidade de coisa alguma; tanto de nosso dinheiro, quanto de nossos bens te concederemos, de modo que seguramente perceberás como a fadiga, a diligência e a tua virtude nos terão sido caras e gratas; mas por que te demoramos nós com mais palavras? De nós te partirás contente, te partirás rico e afortunado em tudo. Ousa, ousa, pois a Fortuna socorre aos audazes e ousados.

Nega abertamente Tobias querer aceitar aquela empresa, e com muitas razões demonstra o iminente perigo; mas eles, cheios de furor, e excitados pela ira, perseveram com ânimos obstinados em lhe fazer insistência, em suplicar-lhe, em prometer-lhe muitas coisas, e em constrangê-lo, e se não obedecer, decretam e estabelecem que perpetuamente lhe seja interdito e proibido entrar na Sinagoga; o que entre os Hebreus é como se a um Cristão, como excomungado, fosse proibido entrar em nossos sagrados Templos para as Missas, e para dizer os outros divinos Ofícios. Pareceuse muito pesado a Tobias este encargo, e de levá-lo recusava-se, dizendo muitas palavras em sua defesa; mas afinal, vencido por súplicas, por promessas e pelas ameaças dos companheiros, e vendo que todos unanimemente contra ele haviam conspirado; considerado o grande prêmio que lhe tinham prometido, cego pela cobiça do ouro assim respondeu: Eu me porei, portanto, a esta,

ainda que perigosíssima, empresa, atrevendo-me com ânimo resoluto e generoso, e porque assim vos agrada a vós, em todo risco porei a vida, para vos dar satisfação, e para provar meu engenho, a fim de que me seja feito aquilo que temos determinado; mas sabei bem, que eu sou pobre, e a Fortuna de bens sempre me foi avara e escassa, e tendo alguns pequenos filhinhos, e família em casa, dificilmente com a arte minha de medicar os sustento e nutro; de modo que, se neste negócio algum infortúnio (que a Deus não agrade) me sobreviesse, pouco seria que só eu padecesse, e de mim mesmo nada se perderia; mas o pior seria que à minha pobre familhinha conviria miseravelmente ir mendigando o sustento, e talvez coisa ainda pior lhes pudesse suceder: E pensando isto (como presságio, de que me venha sobre algum infortúnio ou dano) e de dor sinto o coração estalar; porém mais com o afeto do coração, que com palavras, a mim mesmo, e a vós todos juntamente ardentemente recomendo, aconteça depois de mim o que se quiser. Feita, portanto, esta deliberação, o perverso Tobias admoesta Samuel, que de maneira alguma não deva fechar a porta de sua casa, para que, vindo ele com a presa, a porta de ferro não lhe seja impedimento, e de algum grave dano ocasião; e assim partidos com esta ordem da Sinagoga, todos se reduziram a descansar.

Cap. III: Como Tobías, o traidor, partiu de casa, e andando por vários lugares buscando onde pudesse fazer o roubo; e como o encontrou na Rua do Fosso, o Beato Símão, e o roubou.

Naquele mesmo dia, chegada a hora em que os Cristãos estavam nos Ofícios, Matutinos etc., Tobias saiu à caça, e a tentar sua ventura, e sozinho andando pela vizinhança, revolvendo em seu coração onde endireitar seu caminho, e por qual rua passar devia, ora olhando para uma parte, ora para outra, ora às janelas das casas, ora aos becos, e de um lado ao outro da rua lançava os olhos, abaixava-os, erguia-os, e vagueando, e distraído em diversos lugares ia inclinando os pés. Ele apressado, e quase tremendo por medo de ser descoberto, mas ousado pela sede que tinha do sangue Cristão; vai o maligno até a praça com os olhos espreitando se pode fazer a desejada presa, e não vendo modo de alegrar seus pensamentos, retornando por diversas ruas, retornando pelas mesmas ruas, ora aqui, ora ali desviava-se, movia-se e girava, que ao fim, numa viela chamada do Fosso, por acaso à casa de Samuel vê um menininho de face tão graciosa e bela, que nele coisa não havia que com razão se pudesse repreender; e parecia que a rica e clemente natureza tivesse concorrido em lhe doar tudo aquilo de bom, que o adornava e fazia crescer em potencial beleza; e tinha cabelos encaracolados, e de cor de ouro. Era este belo infante fora da porta da casa onde o pai morava, e estava posto a sentar-se sobre uma madeira, ou trave, sobre a qual puerilmente só brincava, perto da parede do muro vizinho, e olhando para o Céu, parecia que o presságio de seu martírio invocasse o auxílio do onipotente Deus.

Ora então o perverso Tobias (primeiro olhando muitas vezes ao redor se alguém via, que pudesse descobri-lo, e vendo as ruas vazias) com malícia, e enganando-o com arte, fazendo semblante de rir, acaricia o garotinho, e com a rude mão levemente lhe toca os louros e dourados cabelos, acariciando-o. O menininho de natureza afável e benigna, levanta-se suavemente, e pegando um dedo do traidor, à pérfida destra dele se apega. Vai adiante o iníquo Judas, e o incauto pequeno infante o segue; como se afastaram um pouco da casa do infeliz pai, o perverso Tobias aproveita melhor a ocasião, e com mais ousadia toma a mão do puro cordeirinho, e o atrai com vários modos, e fá-lo seguir. Olhando para trás o desgraçado, o pequeno infante, começa repentinamente a chorar, e a chamar o doce nome de sua cara mãe; compadecendo-se o cruel carniceiro do pranto do pequeno infante, logo lhe oferece um dinheiro de prata, consola-o, e acariciando-o o lisonjeia, e com belo modo o faz calar. Ele, tomado o dinheiro, com toda simplicidade o tinha para se livrar das mãos do inimigo, mas o maldito carniceiro de novo o atrai e engana, dando-lhe outro dinheiro.

Como o havia conduzido até o fim da viela do Fosso, de onde apenas faltava passar a largura da rua para entrar na casa de Samuel, o cruel Tobias olha se há alguém

naquela rua que pudesse vê-lo ao atravessar para o outro lado, e escondendo-se na entrada da casa de Samuel, vê do lado esquerdo um sapateiro, que atento à sua arte costurava; feito ele um pouco mais cuidadoso, susteve o passo, até que o homem virasse os olhos a outro lugar, e vendo a ocasião oportuna, coloca o pequeno infante sob a veste longa, tomado debaixo do braço e em um instante com a cobiçada presa passa a rua, entra na casa de Samuel, e entrando fecha a porta.

Chamava-se o pequeno infante **Simão**, e tinha dezoito meses, faltando três dias para completar; seu pai era chamado André, e a mãe Maria; quando o pequeno infante foi tomado, o dito pai estava fora numa propriedade a trabalhar, (como pobre operário que era) e a mãe pouco antes do feito saíra de casa, e fora à Igreja para ouvir os divinos Ofícios. Tal rapto foi por volta da hora 23 da Quinta-feira Santa.

Cap. IV: Como foi levado o Beato Simão por Tobias à casa de Samuel, e os judeus fizeram grande alegria.

Levado o Beato Simão para a casa, foi logo entregue por Tobias nas mãos de Samuel, o qual tendo-o recebido, mandou logo chamar os outros Hebreus, que depressa vieram ao horrendo sacrifício. Quem poderia dizer a alegria que tiveram os enfurecidos, vendo tanto sangue Cristão em poder deles? Os quais, estando ao redor da dileta presa, com mil carícias o pequenino detinham, e com mil amargas crueldades o acariciavam; julgando Tobias por o melhor, e mais zeloso Hebreu, se tivesse confiado-o à sinagoga, eles o guardavam, prometendo e assegurando-o até as estrelas; mas logo entregaram a preciosa presa a Samuele, que, cheio de alegria, não sabia onde estava, e imediatamente levou-a para sua casa.

O iníquo Samuele tomou o inocente nos braços e o levou para o quarto, o qual estava diante da sinagoga; e ali o reteve até a primeira hora e meia da noite. E, para que não chorasse — pois já começava a inquietar-se com o barulho que os malvados faziam, vendo-se em uma casa estranha, entre pessoas desconhecidas —, para que não chamasse pela caríssima mãe Maria, os pérfidos judeus deram-lhe coisas para distrair: uns davam uma coisa, outros outra, e, sobretudo, aqueles objetos com que uma criança de sua idade costumava se entreter, procurando de várias maneiras distraí-lo, para que não chorasse.

Enquanto isso, chegou a tarde, e a dolorosa mãe, percebendo que o doce filho não estava em casa nem na rua, onde costumava brincar até aquela hora tardia, não o encontrou mais. Desesperada, chorando, começou a percorrer a cidade, com lágrimas, em busca do querido filhinho Simão, chamando-o repetidamente: “Meu pequeno filho Simão!”.

O alvoroço espalhou-se pela cidade: que o pequeno Simão estava perdido; não apenas o pai e a mãe choravam, mas todo o povo se entristeceu, e grande desgosto se fez sentir em Níssebia, tanto que enquanto o menino perdido era procurado e chamado pela cidade, e o pobre pai enchia todos os lugares com gritos e lamentos, as criancinhas — da boca das quais, como diz a Sagrada Escritura, muitas vezes falou o Espírito Santo —, atraídas pelo barulho e pelo tumulto das ruas, respondiam todas em coro que se devia procurar o pequeno junto aos pérfidos judeus, pois estes o haviam tomado para crucificá-lo em desprezo à religião cristã.

Espalhou-se então que se devia correr às casas deles e libertar o querido menino das mãos daqueles ladrões cruéis. Nesse momento, porém, os pobres pais, temendo cair nas mãos dos ímpios judeus e perturbados pela noite que já caía, acabaram dissuadidos também pelo conselho de alguns amigos piedosos e voltaram para sua

pobre casa, chorando amargamente, imersos em profundo desgosto e numa dor sem consolo, deixando que aquela noite de aflição passasse.

Cap. V: De como os pérfidos judeus, cruelmente e de várias formas, martirizaram o inocente Beato Símão.

Quando os malvados judeus se prepararam para o detestável sacrifício, alguns deles pegaram as tenazes, outros mantinham as velas acesas; uns tinham preparado as taças para recolher o sangue; uns traziam a bacia, outros outros utensílios, e cada um se ocupava em algo para preparar o suplício.

Então o iníquo Moisés, filho de sangue cristão renegado, sentado sobre o banco, colocou o menino sobre os joelhos e, como prenúncio das suas dores, o pequeno começou a chorar copiosamente, muitas vezes chamando pelo nome da querida mãe.

Para que o choro não despertasse suspeita entre o povo e não viessem a descobri-los, o perverso Samuel tirou da cintura um pedaço de pano comprido, mas não muito largo, e amarrou-o ao pescoço do pobrezinho. Um segurava uma ponta, o outro a outra; ora apertavam tanto que ele não conseguia soltar sequer um grito, ora afrouxavam um pouco para que respirasse, de modo que, alternando assim, pudesse viver mais tempo e sofrer tormentos ainda maiores.

Logo o ímpio Moisés tomou uma pequena tenaz e, com ela (prendendo primeiro a ponta do pano que segurava a Tobias) arrancou um pedaço de carne da face direita do menino. Depois, voltou a pegar o pano nas mãos, enquanto Samuel, com a tenaz, lhe abria chaga após chaga, e, multiplicando as dores, lhe arrancava pedaços de carne de várias partes do corpo.

Enquanto isso, o pano, sempre apertado, não permitia que o infeliz pudesse gritar. Tobias, diante de tantas feridas, segurava uma tigela para recolher o sangue que escorria.

A carne arrancada era entregue a outros; com a mesma tenaz, no mesmo lugar arrancavam mais um pedaço, que era posto junto com o anterior, retirado por Moisés e por Samuel, dentro da tigela onde se recolhia o sangue que escorria da face dilacerada.

O mesmo fez ainda Mohar, filho de Moisés, que depois, tendo em mãos uma arma curta sem cabo, em forma de meia-espada, cruelmente golpeou a cabeça do inocente menino, de onde saiu muito sangue. A ferida na face era do tamanho de um ovo, pouco mais.

Depois, o ímpio Moisés, levantando a perna direita do menino, com a tenaz arrancou com violência um pedaço de carne viva da parte de trás da coxa. O mesmo fizeram logo em seguida Samuel, Tobias e Mohar, um após o outro, no mesmo lugar e com a mesma tenaz, pondo a carne nas tigelas onde caía o sangue.

E o ímpio Tobias, com rude força, apertava e esgarçava as feridas, atormentando-as cruelmente, para que delas jorrasse ainda mais sangue.

Então Israel, filho de Samuel, correu até sua mãe Brunetta, e ela trouxe a cada um deles uma agulha de bordar. Com essas, sem piedade, por ordem do cruel Moisés, começaram a espetar por todo o corpo do inocente menino.

Juntaram-se ainda outras mulheres judias àquela obra nefasta, Brunetta e as demais mulheres, suas companheiras, de maneira cruel afligiam e atormentavam o puro Cordeiro. E, por vezes, quando o pano que tinham atado ao pescoço do menino era afrouxado um pouco, de modo que pudesse respirar e não morrer sufocado tão depressa, se ele tentava chorar logo lhe sufocavam o fôlego, tapando-lhe a boca com as mãos.

Depois disso, o velho Moisés, imundo e abominável, tomou um punhal com cabo de chifre — que ainda hoje se mostra em São Pedro — e com a ponta perfurou o prepúcio do inocente menino, à maneira de sua circuncisão, recolhendo o sangue numa tigela, assim como faziam com as demais feridas.

Em seguida, o mesmo Moisés, voltando a sentar-se, levantou-se sobre o banco o menino agonizante e, com força, puxou para si o braço direito. Samuel segurou firmemente o esquerdo, e Mohar agarrou os pés, puxando-os para baixo contra o banco, de modo que parecia estar o pequeno estendido na cruz.

Ainda assim, não cessava o ímpio Moisés, carniceiro cruel, de incitar os demais pérfidos judeus a que continuassem a ferir o inocente com suas pontas afiadas, a ponto de o sangue já correr da cabeça até os pés. E, blasfemando, diziam que com isso estavam adquirindo grande mérito diante de Deus.

Estando todos em volta, atormentavam o menino com seus instrumentos pontiagudos, blasfemando sem parar contra o nome glorioso de Jesus Cristo, nosso Salvador, e amaldiçoando o povo cristão.

E, amaldiçoando a cristandade, diziam: “Façamos isso em afronta àquele Jesus suspenso na cruz; que seja feito assim, e que venha sobre todos os nossos inimigos — querendo dizer, sobre todos os cristãos.”

Tornando-se então ainda mais cruéis, como feras e serpentes furiosas, afligiam e atormentavam de várias maneiras o corpo virginal. Ora apertavam o pano que estava em seu pescoço para sufocá-lo um pouco, ora o afrouxavam, permitindo-lhe respirar, mas não gritar. Todos se alegravam em vê-lo definhar, e em que, mesmo sofrendo dores tão intensas, não pudesse dar sinal algum de seu padecimento, pois já não tinha forças para mover seus membros tenros e debilitados.

Exaustas, mas não saciadas, estavam as mãos ímpias daqueles lobos famintos; e, não havendo mais sangue a jorrar, o que ainda podiam fazer ao corpo dilacerado do mártir de Cristo, quando já por nove horas e meia, até cerca das três da manhã, ele havia suportado tormentos tão atrozes?

Com o espírito se esvaindo e as forças se desfazendo, o menino elevava seus olhos pesados e já cheios de morte ao Céu, de tal modo que parecia estar imitando nosso Salvador Jesus, que também na Cruz humildemente invocou o Pai. Depois disso, inclinando a cabeça e fechando com esforço os olhos trêmulos, pouco a pouco expirou, como o sulco do arado que se encerra lentamente, entregando a Deus sua alma inocente e bem-aventurada.

Vai em paz, ó espírito de Deus, que já tomaste posse do Paraíso antes mesmo de firmar teus pés na terra; pois, antes que teus lábios pudessem oferecer orações, já foste atendido; e foste mártir, mesmo quando tua tenra língua apenas começava a pronunciar a verdadeira Fé e Confissão. Venceste sem combater, sem que fosse necessário nenhum julgamento ou processo; com breve jornada alcançaste riquíssima recompensa.

Pareces-me agora, elevado no Céu, indo ao encontro das crianças de Belém, mortas cruelmente pelo iníquo Herodes. Elas foram antes ao triunfo de Cristo, e tu agora, glorioso, as segues; e gozas da felicidade de estar cercado de almas inocentes.

Cap. VI: De como o Podestà, por ordem do Bispo, mandou buscar o menino perdido de casa em casa, perguntando com insistência a todos se o haviam visto, mas logo não conseguiu nenhuma resposta.

Tendo o Bem-aventurado Menino morrido, as cruéis e rigorosíssimas mulheres lavaram seu corpo ensanguentado em uma bacia com água pura. Com essa mesma água aspergiram a casa, à maneira dos cristãos, que usam a Água Benta com devoção, e acreditam ser uma fonte de bênção. Essa bacia, em que lavaram o pequeno corpo, foi depois guardada com reverência, e ainda hoje se mostra a todos no convento de São Bernardino de Pádua.

Samuel havia despido o menino de suas roupas, e Vital, por ordem do próprio Samuel, levou seu corpo para casa e o escondeu no estábulo, debaixo do feno. Nesse lugar o inocente permaneceu oculto desde a noite de seu martírio, que foi numa quinta-feira, até a noite da Sexta-feira Santa.

Quando a aurora já começava a despontar no céu, chamando os fiéis a contemplarem a Paixão de Cristo Nosso Senhor — que por nós pecadores padeceu —, André, pai do pequeno, e a mãe, consumidos pela dor, foram até o Bispo. Este, tendo escutado seu sofrimento, ordenou que toda a cidade fosse mobilizada para buscar o menino desaparecido, com ordem de proclamar publicamente, sob pena de morte, que qualquer pessoa que tivesse alguma notícia, ou soubesse de algo, fosse imediatamente denunciá-lo.

O pai procurava, e a mãe, chorando, seguia até o palácio do Podestà (que então era Giovanni dalla Sale, doutor em leis, excelentíssimo e nobre cidadão de Bréscia). Ali, contaram a causa de sua dor e, tendo obtido a autorização do Príncipe, encheram o céu de lamentos e gritos. E o Podestà, diligente em sua função, ordenou que o Capitão da Corte, junto com o aflito pai, devia sair pela cidade procurando o filho perdido; não restava rua, nem beco onde não se buscasse com diligência o menino.

Finalmente chegaram à casa do cruel e ímpio judeu Samuel, que alegremente almoçava. Ele ofereceu grande resistência à Corte, alegando que, naqueles dias, não se deveria perturbar a Páscoa, e ainda mais porque naquele tempo era proibido aos judeus se misturarem com cristãos. Por fim, deixou que entrassem, e então vasculharam toda a casa, sempre seguidos de perto por Samuel, Brunetta e Israel, que lhes mostravam os quartos e todos os cantos da casa. Contudo, não encontraram o menino, porque não olharam no estábulo.

Restava apenas procurar nas águas do fosso, caso tivesse se afogado. Assim, o pobre pai, junto com Cipriano da Borme, logo ordenou que o fosso fosse fechado. Esse

canal, feito artificialmente e subterrâneo, passava por debaixo de muitas casas e, passando também pela casa do judeu Samuel, mais abaixo desembocava no rio Ádige. Tendo sido diligentemente buscado por todo o fosso, e não se encontrando nada, o pobre pai voltou para casa com a esposa, chorando ainda mais amargamente.

Ao cair da noite, Samuel chamou seu servo Bonaventura, o cozinheiro, e lhe ordenou que retirasse o corpo do menino morto debaixo do feno e levá-lo para a adega, escondendo-o ali, para que, caso a Corte voltasse, não o encontrasse. O servo, obedecendo prontamente à ordem do patrão, levou o corpo e o escondeu debaixo do tonel de vinho. Mas, vendo que o lugar não era muito seguro, sem nova ordem, levou-o para um estábulo e o colocou em um canto, onde o terreno havia sido cavado em forma de uma pequena cova, não muito funda. Cobriu-o com palha e, para maior disfarce, colocou também alguns pedaços de madeira, sobre os quais pôs um barril, de modo que aquele canto ficasse encoberto.

Ali permaneceu escondido o corpo do menino até a manhã do Sábado Santo, quando, ao despontar do dia, por ordem de Samuel, o mesmo Bonaventura retirou o Corpo do Mártir de Cristo e o levou para a Sinagoga, onde ficou até a manhã seguinte — que era o Domingo da Ressurreição de Cristo, Salvador do mundo.

Cap. VII: Como os judeus foram denunciar ao Bispo que haviam encontrado o menino perdido na água.

Sabendo os judeus que o povo começava a desconfiar deles, reuniram-se todos na Sinagoga para decidir o que fazer. Não chegaram a um acordo: alguns estavam exaltados, outros apavorados, seus pensamentos se confundiam e se perturbavam. Alguns queriam que o corpo fosse lançado no rio Ádige, mas temiam que os cristãos tivessem colocado espiões e guardas ao redor de suas casas; por isso, não se atreviam a sair para levar o corpo até o rio. Outros pensavam em deixá-lo escondido em casa, mas temiam que, se a Corte voltasse a procurar e notasse a terra mexida, fossem também descobertos.

Assim, em meio a essas indecisões, Bonaventura, o cozinheiro (sob ordem de Samuel), no Domingo da Ressurreição, retirou da Sinagoga o corpo do Beato Inocente e o levou para a adega. Ali, lançou-o na água do fosso, que era ligado a um canal subterrâneo, e pela passagem passou por baixo da adega; depois foi até a cozinha e disse a Brunetta — e também às outras mulheres da casa — que, ao buscar água no fosso, havia encontrado algo branco na correnteza e que, acreditava ele, fosse o corpo de uma criança, talvez o do menino cristão que estava desaparecido e era tão procurado.

Afirmava que a água o teria arrastado até ali. Brunetta, fingindo acreditar nessa versão para não levantar suspeitas, não comentou nada em casa. Mas foi imediatamente à Sinagoga, onde contou tudo a Samuel e a Tobias. Então Tobias foi à adega e, vendo que o corpo não afundava, mas permanecia boiando na água, pois, a causa era porque ele não havia morrido na água, ou talvez ainda porque a onda piedosa, para não se mostrar cúmplice, recusava-se a ocultar o crime da maldade judaica. Impaciente com o peso desse fardo, Tobias não conseguia encobri-lo, mas tentava, com um longo pedaço de madeira, empurrar o corpo para que permanecesse submerso; e alguns outros judeus chegaram a jogar pedras sobre ele para mantê-lo no fundo.

Vendo, porém, que seus esforços eram inúteis e em vão se fatigava, Tobias, tomado de raiva, desistiu da empreitada e voltou à Sinagoga com os demais. Ali, em novo conselho, decidiram que Tobias fosse até o Reverendíssimo Monsenhor e denunciasse que a água havia conduzido até a adega de Samuel o corpo do menino cristão desaparecido, tão procurado e chorado por toda a cidade.

Os ímpios pensavam, com essa denúncia, extinguir as suspeitas que os cristãos tinham contra eles, e comentavam entre si nestes termos:

“Se nós apresentarmos esta explicação ao Bispo, sem dúvida ficaremos livres de toda suspeita, pois os cristãos não deixarão de considerá-la verossímil. Afinal, se fôssemos culpados, não teríamos motivo algum para manifestar o fato; e como a Corte esteve aqui em nossa casa e nada encontrou, julgarão, então, que (segundo já dissemos) a água trouxe o corpo até a adega tinha levado, e que fomos nós mesmos que denunciamos sem ser solicitados, e sem até agora haver indícios suficientes contra nós, sendo totalmente estranhos e inocentes. Assim, Tobias, à semelhança de Judas quando disse “traí o sangue inocente”, apresentou-se diante do Bispo e revelou o que ele e seus companheiros haviam tramado, dizendo que a água do fosso havia conduzido até a adega de Samuel o corpo de uma criança morta, e que talvez fosse justamente aquele que já havia três dias estava sendo procurado.

Cap. VIII: Como o Podestà, com a Corte e o povo, encontraram o corpo do Bem-aventurado Símão, morto e colocado na água, na casa dos ímpios judeus.

O Príncipe, feliz por ter tomado conhecimento desse fato, ordena a Giacopo da Sproa, Capitão da Cidade, e a Giovanni dalla Sale, Podestà, que fossem ao local indicado por Tobias. Estes, indo à casa do judeu, onde a água havia conduzido o corpo, acompanhados por uma grande multidão de povo, encontraram-no debaixo d'água. E mandaram que fosse logo tirado dali; e, levado diante do Bispo, quando este viu o corpo lacerado do menino morto e reconheceu bem suas chagas, todo enternecido pela piedade, disse:

"Não poderia ser senão inimigo da Fé de Cristo aquele que cometeu tamanhas e horrendas maldades. Chamo em testemunho a Jesus Cristo, que foi posto na Cruz e depois no sepulcro, e que neste mesmo dia ressuscitou, que eu não deixarei impune esta ímpia crueldade; e a ti, bem-aventurado Menino, prometo que, pelos teus méritos, já alcançaste o Paraíso. E qualquer crueldade que houver violado o teu corpo e manchado as tuas mãos no sangue inocente, receberá o devido castigo e as penas merecidas."

Dito isto, deixou o cuidado ao Podestà, que devia diligentemente examinar o fato, e partiu.

Admirável foi este prodígio: sendo comum que os outros corpos logo apodrecessem, o corpo do Bem-aventurado Simão, que três dias e três noites havia estado morto, não tinha nenhum mau cheiro; e isso, com razão, pois tendo estado em lugares úmidos, como no estábulo, na adega e na água, logo deveria ter apodrecido.

Havia muitas pessoas cristãs quando ele foi tirado da água, e, enquanto olhavam o corpo do Bem-aventurado Mártir já despido, as suas feridas eram visíveis: nas faces, no pescoço, no braço direito, na perna direita e nas picadas das velas, que lhe causaram dores.

E os tristes judeus roubaram o corpo, que parecia ter pequenas picaduras de abelhas.

Depois chamaram André, pai do menino. Reconhecendo, ao chegar, que aquele era o corpo do filho perdido, foi julgado e declarado, ali mesmo na presença dos próprios judeus, que sem dúvida alguma haviam dilacerado aquele corpo, e que deles deveria vir tamanha crueldade e atrocidade.

Tão firme estava cada um nessa opinião que, logo em seguida, os piedosos cristãos acorreram sobre o corpo martirizado pelo ódio dos judeus, e de todas as suas chagas o sangue ainda fluía. Esse sangue foi recolhido pelos fiéis em seus lenços e, por

devoção, conservaram-no como sangue inocente e sagrado, sempre digno de veneração.

E para maior clareza da crueldade cometida, encontraram-se pela casa muitos lugares tingidos de sangue, sobretudo naquele onde haviam martirizado o santo menino.

Cap. IX: Como o Podestà mandou levar o corpo do Beato Símão para São Pedro e como fez prender os judeus separadamente.

O Podestà, como juiz prudente, ordenou que aquele corpo fosse levado ao Hospital de São Pedro, na cidade, determinando que, por ora, não fosse sepultado. E, separando Moisés e os demais judeus uns dos outros, começou a interrogá-los um a um sobre o corpo encontrado.

E, vendo que todos estavam perturbados e que se contradiziam, dizendo um uma coisa e outro outra, imediatamente ordenou à sua corte e, conforme ordenado, foram levados algemados às prisões. Conduzidos ao Castelo, foram colocados em celas separadas, para que não pudessem combinar versões ou negar os fatos, e para que pudessem ser pressionados a confessar a verdade.

Brunetta, temendo que o sangue do Inocente não fosse recolhido pela Corte, escondeu-o numa vasilha de armário; mas foi depois encontrado, colocado em um vaso de vidro e depositado em São Pedro, no mesmo local onde jazia o corpo do glorioso Menino. Ali foi guardado e mostrado com grande devoção a todos.

O Podestà, querendo esclarecer melhor a crueldade cometida, enviou imediatamente Arcangelo Balduíno, médico de Trento, e Giovanni Mattia Tiberino, de Bréscia — honra e glória da medicina, homem íntegro e orador eloquente —, além de Cristóforo de' Fati, de Térlago, cirurgião celebérrimo, para examinarem o corpo do menino morto. Deu-lhes o juramento e a comissão de observarem atentamente as feridas e, em seguida, relatarem oficialmente suas conclusões.

Eles, tendo ido e cumprido com rigor o encargo recebido, declararam que o menino não havia morrido afogado, pois um corpo morto na água incha e, da boca, nariz e outras partes sai corrupção; e aquele corpo, segundo parecer, pouco ou nada apresentava disso. Apenas se via a boca aberta, a garganta larga, o semblante pálido, sem sinais de feridas (a não ser as provocadas pela queda quando foi lançado à água), e os membros rígidos e que facilmente não poderiam ser dobrados, nem havia fraturas das quais tivesse saído sangue, mesmo que tivesse morrido depois na água. O corpo desse Menino não estava inchado, nem havia sinais de água ou outra umidade; tinha a boca fechada, a garganta estreita, a carne ruborizada, estava ferido mas não perfurado, nem fraturado, os membros flexíveis como se estivesse vivo; e da ferida na bochecha, da perna, do membro viril e de todo o corpo (onde haviam sido feitos os cortes) escorria sangue.

O Podestà, ao ouvir tais coisas, pediu ao Bispo e ao Príncipe seu Senhor que, num assunto tão difícil, lhe concedessem alguns doutores para o acompanharem, dado o

peso do caso. E foi-lhe concedido o que pedia. Entre outros, escolheu-se Giacobo Sporo, Capitão de Trento, homem muito considerado nos assuntos da Justiça.

O lugar onde estava o corpo do Beato Infante encheu-se de povo; todos concorriam para ver suas chagas, e cada olhar de piedade rezava a Deus para que quisesse manifestar os culpados e revelar à Justiça quem eram os verdadeiros homicidas, a fim de que os inocentes não sofressem.

Eis que chega a mãe aflita, que de tanto chorar perdera quase toda a voz, e parecia tanto se doer quanto menos conseguia mostrar sua dor. Seus cabelos, o rosto e as vestes ao redor do peito estavam rasgados, e ela se feria de maneiras estranhas, causando a si mesma novos danos; a tais gritos, os piedosos presentes se comoveram e lhe abriram caminho, para que pudesse avançar até o filho; e quando, de maneira tão estranha, ela o viu chagado e dilacerado, cresceu-lhe o pesar, e tomando-o nos braços o abraçou amargamente, beijando-o, enquanto a dor e a paixão a apertavam ao coração. Perdendo os sentidos e as forças, caiu por terra desfalecida. Assim, languidamente prostrada, foi socorrida pelos piedosos que se encontravam ao redor, e levada para casa.

Já estava confirmada a opinião de todos de que foram os Judeus os culpados pela morte do menino encontrado, e levantaram-se por toda a cidade grandíssimos clamores. O Podestà, querendo descobrir a verdade dessa morte, chamou a si um Judeu que sete anos antes se tornara cristão, chamado Giovanni, que então morava em Trento, e começou a interrogá-lo acerca dos ritos, ordens e costumes dos Judeus, sobretudo no modo de celebrar a Páscoa, pois já tinha ouvido algo sobre isso por fama.

Quando lhe pediram que dissesse a verdade, respondeu:
“Os Judeus costumam, na Quarta-feira Santa, fazer o pão ázimo, e nele colocar o sangue de algum menino cristão; e o guardam até a festa da Páscoa, que é na quinta-feira seguinte; e na sexta-feira da Paixão o misturam no vinho, e ao abençoar a mesa, segundo o seu costume, blasfemando contra Cristo e contra a fé dos cristãos, rezando a Deus que enviasse contra nós, cristãos, todos aqueles flagelos com os quais havia ferido o Faraó e o seu povo, quando este, instado por Moisés, não queria libertar o povo de Israel.

E me lembro (disse então o convertido) de ter ouvido muitas vezes de meu pai, quando eu era jovem — ele que viveu por quarenta anos em Tungguth, cidade da Magnanásia — que os Judeus se reuniram todos juntos e, tendo sacrificado um menino cristão, o fizeram morrer para que aquele sangue lhes servisse na celebração da sua Páscoa.

Essa prática, tendo sido descoberta, muitos daqueles Judeus foram presos; e, por terem (sob tortura) confessado esse nefando delito, mais de quarenta e cinco deles foram queimados, entre os quais estava meu próprio pai com alguns outros Judeus; e ele teria tido a mesma sorte, se não tivesse fugido. Assim falou Giovanni.

O Podestà, diante desse novo indício, retomou o exame dos Judeus encarcerados, e os encontrou muito relutantes em manifestar a verdade: negavam constantemente, dizendo-se inocentes, e que injustamente eram atormentados. Mas, vendo-se afinal constrangidos pelos gritos e pelas acusações que contra eles se levantavam, recorreram à calúnia.

Perto dos Judeus vivia um suíço, homem pobre, chamado Gianzaro; e os Judeus o acusaram perante o juiz como culpado da morte do menino. E para dar mais crédito à sua mentira, fingiram que Gianzaro odiava os Judeus, por causa de algumas acusações feitas contra ele, de tal modo que os malvados fizeram prender o pobre Gianzaro, inculpando-o de ter sido ele quem lançou o menino no fosso, e depois o jogou na água do fosso, e o teria levado à casa dos próprios Judeus; mas esse ardil judaico não teve êxito, porque o dito Gianzaro foi milagrosamente libertado, cujo milagre é posto em seu devido lugar no fim deste livrinho, junto com muitos outros notáveis milagres.

Cap. X: Como o Bispo ordenou ao Podestà que prosseguísse em tal causa; e como os Judeus da Itália quíseram corromper o Podestà e o Capitão para libertar os Judeus prisioneiros.

O Bispo comissionou novamente o Podestà, para que, com toda a diligência, investigasse a verdade desse caso dos Judeus, e que prosseguisse todos os dias (pois sendo o caso atroz) não olhando a festas nem solenidades quaisquer.

Os Judeus finalmente, tendo resistido por algum tempo, negando e suportando tormentos e suplícios, no fim confessaram a mesma torpeza já dita, como havia relatado Giovanni, Judeu tornado cristão, e o martírio infligido a São Simão, narrando outras coisas detestáveis que se descobriram.

Souberam disso também os Judeus da Itália, e da Germânia, como os prisioneiros estavam constantemente, e como não havia mais maneira de poderem escapar, tentaram subornar o Podestà e o Capitão de Trento com grande ouro; mas a integridade do Podestà e do Capitão (de modo que os de cima não tocassem neles) jamais se deixou corromper por tamanha injustiça.

Vendo os pérfidos judeus, que se viam agora sem recursos, tentaram a própria sorte com o Sigismundo da Áustria e com o imperador Vescovo de Salisburgo, prometendo-lhe grande soma de ouro, para que os prisioneiros fossem libertados, mas os piedosos príncipes fecharam-lhe as orelhas.

Não resistindo à cobrança, tentaram prolongar ao máximo o tempo da sentença contra os prisioneiros, fazendo vir de Pádua alguns dos mais eminentes e famosos doutores da lei, que em suas religiões argumentavam e defendiam a causa, e procuravam todas as formas injustas de poder salvar os criminosos, ou ao menos de adiar a morte, para que tivessem alguma esperança de encontrar outra ocasião, com a qual pudessem, se não ganhar tempo, ao menos adiar a execução da Justiça, que finalmente operaria a queda desses homens.

Assim, como outros homens de grande influência, tentaram libertar os malvados prisioneiros, mas não conseguiram, como imaginavam, e nem foram bem-sucedidos.

Após longos debates, sobre qual morte seria dada aos pérfidos cães, alguns disseram que deveria ser de várias maneiras, e que deveriam ser lançados no fogo. Outros sugeriram que fosse cortada a cabeça, e que seus corpos fossem espalhados pela cidade, suas membros sendo espalhados por toda parte. Outros sugeriram que fosse amarrado com um laço e enforcado, outros ainda que os colocassem de joelhos em sofrimento, de modo que o cão os mordesse e eles tombassem, morrendo dessa maneira, mas eles foram finalmente castigados da seguinte maneira...

Cap. XI: Como os perversos judeus foram sentenciados, e morreram de várias maneiras.

Finalmente, concluíram, e sentenciaram que os dois Bonaventuras fossem postos, depois amarrados; mas o Capitão da Cidade rigorosamente não deixou que a sentença fosse cumprida, pois ele os tocou, e iluminou-os com as inspirações divinas e, querendo que morressem pela fé em Cristo, disse: "com isso, fizeram o que fizeram e receberam o que lhes era devido."

Após um longo debate, com algumas mortes e como se dizia, sendo dilacerados de várias maneiras, alguns disseram que deveriam ser esmagados pelas pedras, outros disseram que deviam ser amarrados de cabeça, e dilacerados pelo corpo por toda a cidade, espalhando seus membros; e, assim, de forma cruel, muitos deles começaram a morrer. Tobias foi conduzido num carro pela cidade, amarrado e posto na roda, e queimado. O malfeitor Moisés fugiu do merecido castigo, pois ele tinha em si a maldade e a crueldade, sendo lançado na prisão, onde foi atormentado até a morte, em sua velhice, por seus próprios amigos, que o deixaram sofrer até a morte.

Samuel e Angelo foram torturados; Vital, Mohar, Israel, Ioph, Salomão e os outros criminosos judeus foram igualmente colocados na roda e queimados.

Pagaram com seu próprio sangue os judeus malfeitores, que com tanta crueldade haviam feito o mal ao Sagrado Templo em honra ao Bem-aventurado Simão Mártir, no mesmo lugar onde ele foi martirizado e morreu.

Foi então decretado que, para que nunca mais algum judeu pudesse habitar em Trento, fossem banidos de sua cidade. Se viram muitos milagres feitos por méritos deste Santo Mártir, como aparece no fim deste livro, pelos quais milagres uma grande alegria surgiu entre o povo de países distantes, que, atraídos pela devoção, vinham a Trento para ver o sagrado corpo deste glorioso mártir. A mãe do Menino, chamada Maria, depois de ver a morte de seu marido André, obteve grandes graças por sua Divina Majestade. Muitas mulheres, por suas orações, receberam grandes graças, muitos cegos foram curados, muitos doentes, muitos enfermos que haviam sido enviados a várias partes para cura, e outros inumeráveis feitos miraculosamente consolados. Digo que não há memória fresca de milagres em Trento, além de muitos que fizeram memórias e escreveram sobre eles.

Assim, espalhou-se a fama da maldade dos judeus e daquele ano famoso pela celebração da Páscoa, como também pelo martírio e pelos milagres do Bem-aventurado Menino.

LAUS DEO

Nasceu São Simão no dia de sexta-feira, 16 de novembro, no ano de 1472, e foi martirizado a 23 de março de 1475, na sexta-feira santa, às três horas da noite. Foi proclamado por Gregório XIII, e posto no Martirológio dos Santos. E o Papa Sisto V ordenou sua solenidade, com ofício e missa, que são celebrados todos os anos no dia 24 de março, e o primeiro ano dessa festa foi em 1589, na sexta-feira.

Cap.XII: Como, para a glória de Deus e honra do glorioso São Símão, na sua primeira festa foi feita uma grandiosa e solene procissão, levando o corpo do santo mártir.

Sendo agradável ao Senhor ilustrar a cidade de Trento, por meio dos muitos e grandes milagres de São Simão Mártir, muitos dos quais brevemente serão mencionados aqui pelo Papa Gregório XIII. Dentre esses milagres, ele foi colocado no catálogo dos santos, como é lido no Martirológio, no dia 24 de março.

O ano seguinte, 1588, foi marcado pela feliz memória do Papa Sisto V, com sua intercessão, e de seu ilustre e reverendíssimo Cardeal Madruzzo, Bispo de Trento, que determinou o ofício próprio e a missa do santo mártir, ordenando que a festividade fosse celebrada em toda a Diocese de Trento no dia 24 de março, no mês de março, concedendo igualmente indulgências plenas a qualquer pessoa que confessasse e comunicasse, visando especialmente a celebração dessa festa na Igreja de São Pedro em Trento, onde o altar consagrado a São Simão, Mártir, e seu corpo repousam, com todo o devido cuidado dos seus gloriosos martírios; e não só da cidade, mas também de fora, com grande consolo e devoção, os visitantes se dirigiram para esta cidade, com grande respeito pelo glorioso mártir, que junto com São Vigílio, ardente mártir e bispo de Trento, foi posto sob sua proteção. E continuaram a fazer-lhe grandes preces, a fim de pedir a remissão de seus pecados e a restauração da Igreja Católica, e de suas veneráveis memórias.

Foi então que, no ano feliz, São Simão Mártir foi colocado no catálogo de santos, e recebeu grande honra no Venerável Capítulo de Gênova. O Reverendo Senhor Cardeal de Trento ordenou que, ao cair dos primeiros vésperas, na primeira solenidade, o dia 23 de março fosse dedicado à solenidade, com grande procissão pela cidade e a glorificação de sua Divina Majestade, para que também a Igreja de São Pedro em Trento fosse adornada com tapeçarias e outras luzes, como se faz na solenidade do grande Choro; e a Igreja de São Pedro, bem adornada, foi ordenada, com belíssimos panos, e a cruz sendo hasteada, e na hora da meia-noite, o corpo de São Simão Mártir foi exposto ao público.

Passado o espaço de duas horas, como foi visto pela grande multidão de pessoas da cidade e também de outros lugares, com grande alegria vieram de várias partes, para visitar o corpo sagrado, a fim de obter as santas indulgências concedidas para a remissão dos pecados.

Na hora das vésperas, vieram à igreja os Muito Reverendos Senhores Cônegos do Dom, com seus respectivos trajes, e junto com todos os outros reverendos sacerdotes e clérigos, não só da cidade, mas de muitos lugares, e piedosos da diocese, com os

reverendos religiosos regulares. E, após terem feito orações invocando o auxílio divino e a intercessão do santo mártir, a procissão começou, precedida por muitas confrarias e companhias da cidade, como também das terras circunvizinhas, com seus estandartes, confissões e cruzes, entre os quais estavam, além de outros, os filhos de São Simão, levando grandes bandeiras, pintadas com a imagem do santo, seguindo depois muitos sacerdotes regulares de todas as religiões de Trento.

Depois, os clérigos e reverendos capelães, curas e piedosos de várias igrejas, cantando louvores ao Senhor, foram seguidos pelos senhores cônegos, que conduziam os estandartes à mão.

A procissão foi iniciada, levando o corpo do Santo Mártir São Simão Mártir já no altar, com quatro reverendos sacerdotes, os curadores das igrejas de Trento, sendo levados em um grande caixão de prata, com uma grande moldura de prata e ouro, onde repousava o corpo do santo. Assim, seguiu-se a procissão, bem vista pelo povo. O caixão de prata estava ornamentado com várias colunas de ouro e prata, e outras peças preciosas.

Logo após, os doutores levavam o caixão em um vagão, com um rico baldaquino de pano de ouro ornamentado. E a seguir o corpo do santo, os ilustres e muito reverendos senhores decano e arquidiácono de Trento seguiam por uma das partes, e o outro lado seguia. Depois, seguiam os muito reverendos prelados, um de São Michele, o outro de Gries, aparecendo especialmente com mitras e púsias.

Após isso, vinham os digníssimos senhores de Galés, sufragantes de Trento, com aparência similar à de um pontífice, com a mera dignidade dos sacerdotes, acompanhados por outros sacerdotes vestidos com vestes e tocados de outro modo, incensando o corpo de São Simão Mártir.

Todos os senhores conselheiros, doutores e nobres da cidade com todos os outros, que com grande solenidade, seguiam de perto o corpo do santo para a glória de Deus e em honra de São Simão Mártir.

Após isso, finalmente, as mulheres, crianças e pessoas velhas, as quais estavam vestidas com suas melhores roupas, ou com velas acesas, foram consideradas como parte da grande procissão, que reuniu mais de treze mil pessoas. A procissão foi de São Pedro à Santa Trindade, e então à catedral de São Vigílio, depois à Igreja de Santa Maria Maggiore, permanecendo em cada uma, e ali o corpo foi preparado no altar da igreja, enquanto cantava-se no órgão. Por fim, a procissão voltou para a Igreja de São Pedro e, na contrada do Cantone, fez-se uma linda representação do martírio de São Simão, o qual foi louvado, e de muita devoção ao povo.

A procissão voltou então à Igreja de São Pedro, onde cantaram as vésperas do santo com o Te Deum laudamus, e enquanto cantavam, o corpo foi repousado no altar da arca. No dia 4 de março, dia da primeira festa e solenidade, foi celebrada a missa pontifical com o monsenhor reverendíssimo sufragante, solenemente, e o pregador do domo fez a pregação de São Simão, proclamando os milagres do santo, incitando o povo à maior devoção. Amém.

Louvado seja São Simão Mártir, Virgem e Inocente.

Ó três imaculados e brilhantes,
Coroa nos Céus, na alma santa adoram
o Menino que foi dado ao povo judeu,
Açoitava-se, indo à bela cruz que o rodeava.
Foi Mártir, Virgem e Inocente,
Festeja o Demônio, ao Mundo, como se fosse um escárnio,
Enfeitado com a sua vitória de troféus!
E hoje, no Céu e na Terra, ilustre és,
Glorioso Triunfo, em vós se aproxima
De tesouros celestiais larga cópia
A todos que com piedoso rito e festa
A santa pompa recebe com frequência,
Ou que em nós afeta o duplo desejo
De caridade, suprindo nossa insensatez.
Se com o coração puro, com puro zelo,
Seus feitos serão na terra, e no Céu.

Milagres principais de São Simão Inocente e Mártir de Trento, recebidos por seus devotos.

Um suíço chamado Glanzer, sendo prisioneiro no castelo e nas cadeias, para expiar o erro de ser injustamente acusado pelos judeus, fez uma oração ao glorioso Beato Simão, e assim, milagrosamente, quebrou os grilhões e as correntes e foi libertado da prisão.

O Senhor Gasparo Martinego Bresciano, de febre contraída, fez voto de visitar o Beato Simão, e, imediatamente, cumpriu o voto pela sua cura, e foi curado, estando presente o Senhor Matéria Tiberino, médico de Brescia, e o reverendo Don Zuane, e o mestre Stefano da cidade de Cadenodaro; foi no ano de 1475.

Lorenzo Todico de Hippruch, que no ano anterior havia vindo ver e estava meditando o local onde estava o corpo do Beato Simão, fez voto de venerá-lo e o fez com grande reverência, recebendo os reverendos do sacerdócio, Giovanni de Florença e Giovanni de Enno, os quais moravam em Trento e o fizeram em 1475.

A Sachetta, de Mantova, Giovanni do Soldo de Brescia, caindo de um tronco sobre sua cabeça e tendo estado mudo por oito anos, imediatamente, quando se aproximou do Beato Simão, começou a falar, e foi curado. Estavam presentes o Mestre Comino e o Mestre Baldesar de Brescia.

Vincenzio Andrea da Rendenna, afligido de forte febre e ferido por um acidente, fez voto ao Beato Simão, e sendo curado, no dia seguinte, foi restaurado à saúde.

A Pomarolo, na Val di Lagher, Catarina, filha de Zenon de Villa assidiera, fez voto ao Beato Simão, e foi conduzida em um carro a Trento, para colocá-la na Igreja de São Pedro, onde ela deveria repousar ao lado do glorioso Corpo de São Simão Mártir, e foi curada na mesma hora, na presença do Vigário de Bolzano e Rompilanza, escudeiro de Monsenhor Ilustríssimo e Reverendíssimo Bispo de Trento.

Em Verona, Andrea Hosto ao Beato Simão, doente e morrendo, teve grande devoção ao santo, vindo de Verona, e fez votos para visitá-lo em Trento, sendo curado e restaurado à saúde, cumprindo o voto na manhã seguinte.

Margarita de Arbizano, da Val Pustellia, de Verona, gravemente doente, que não podia andar, imediatamente fez um voto ao Beato Simão, foi curada e veio a pé a Trento para visitá-lo.

Na Piéve de Banal da Zudegaria, Domínica filha de Domenico Mazza, sendo afligida por uma grande corcunda e inclinada à terra, esforçando-se para andar com as mãos e os pés, foi conduzida a Trento, entrou na igreja de São Pedro e tocou o sagrado caixão, levantado pela mãe para ver o glorioso Corpo, recuperando imediatamente a saúde, tal como outra pessoa. Presentes estavam o M. Antonio Prato e Girolamo Stazionero.

Giacobo Concio de Offani da Val di Sole fez um voto ao Beato Simão por seu filho falecido e, por milagre, retornou vivo, e fez-lhe uma oferenda com a imagem do Santo, de prata, de livre vontade, e com grande fé.

Em Lauis, perto de Trento, Bárbara filha de Bald Sartor de Anni, caiu no rio Lauis e foi encontrada pelos seus pais morta na água. Confiando em Deus, fez voto ao Beato Simão, e milagrosamente retornou viva e sã.

Muitos outros milagres poderiam ser narrados, mas por brevidade, omitimos alguns.

FIM

Em Latim:

Per dimandat l'aiuto, & intercessione
del glorioso S. Simone.

Antiphona. Intercede pro tua Patria Beatae Simon, adiuvant nos tua merita, cuius precibus, & invocatione multi desperata sanitate sanfacti sunt.
℣. Laetare, & jubila Tridentina Ecclesia.
℟. Tanta filii ditata gloria.

Oratio.
DEVS innocentiae restitutor, pro cuius nomine Beatus Innocens Simon acerbitissime mortis supplicio à perfidis Iudaeis interemptus est: praesta nobis quaesumus: ut eius intercedentibus meritis, ab huius vitae contagiis impolluti ad Coelestem patriam perveniamus mercentur. Qui vivis & regnas in saecula saeculorum. Amen.

Em Português:

Para pedir a ajuda, e intercessão do glorioso São Simão.

Antífona. Intercede por tua Pátria, Beato Simão, que nos ajuda com tuas virtudes, cujos pedidos e invocações de muitos, desesperados pela saúde, se tornaram santos.
℣. Alegra-te, e exulta, Igreja de Trento.
℟. Tanta glória ao filho abençoado.

Oração.
Ó Deus, restaurador da inocência, pelo qual o nome do Beato Simão Inocente foi gravemente castigado pelos judeus, que o mataram cruelmente, nós te pedimos: que, por seus méritos, sejamos purificados dos contágios desta vida, e possamos alcançar a pátria celestial, que ele nos conquistou. Ele que vive e reina pelos séculos dos séculos. Amém.

FIM